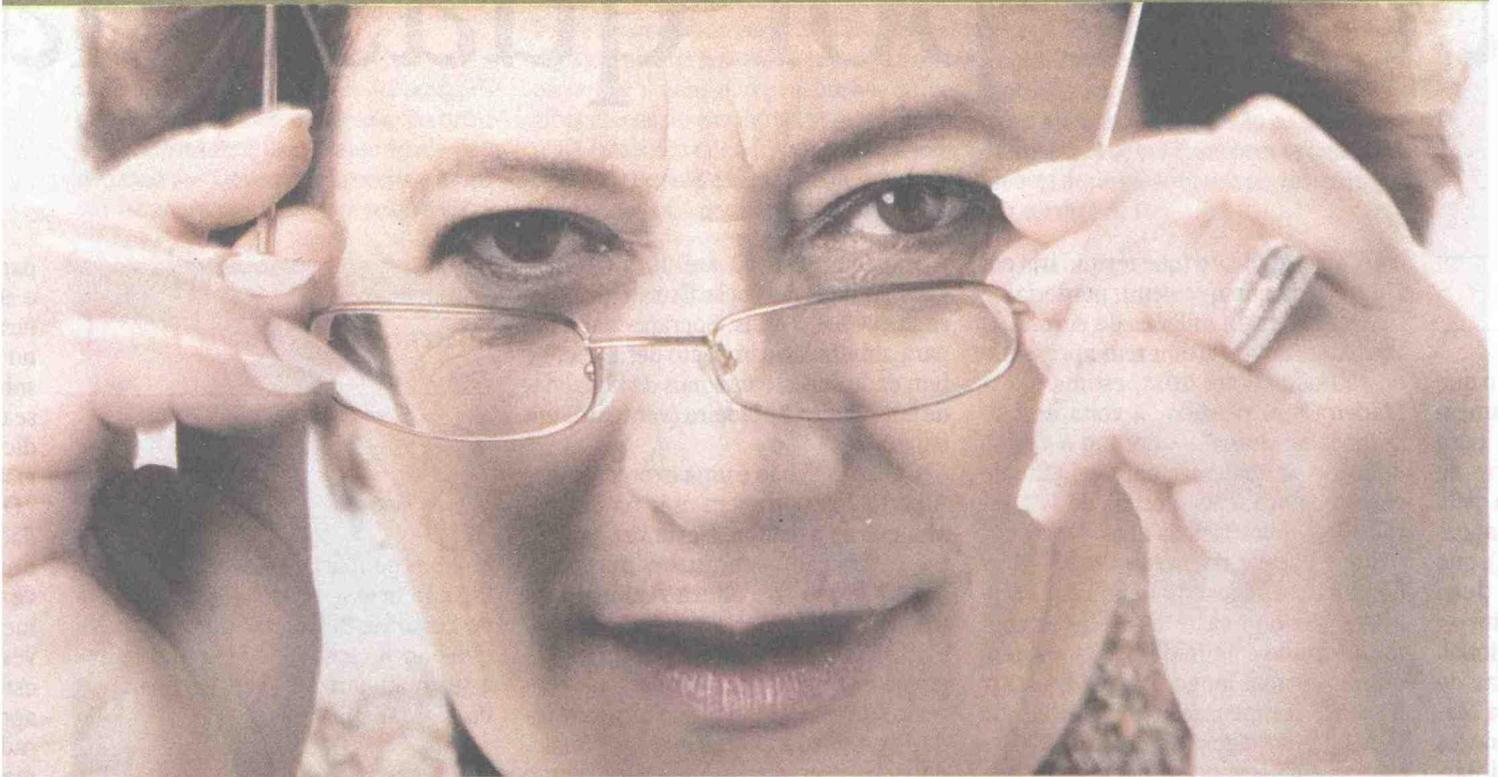


Tema: Press Clippings			■	Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – PRINCIPAL	Pág.1 Imagem: 1/10		Periodicidade: Semanal	Inv.: 54320.00

Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de “espinha dorsal”



“É um homem inteligente. O problema dele é de espinha dorsal”. É desta forma que a eurodeputada do PS Ana Gomes se refere, em entrevista exclusiva ao Expresso, a

Durão Barroso. A polémica dirigente do PS e ex-embaixadora vai mesmo mais longe afirmando que o ex-primeiro-ministro se “portou miseravelmente” no caso Casa

Pia. Ana Gomes e Durão Barroso foram ambos do mesmo partido de extrema-esquerda e reencontraram-se no MNE anos depois. FOTO ANTÓNIO PEDRO FERREIRA ÚNICA P76

Tema: Press Clippings				Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág.3		Imagem: 2/10	Periodicidade: Semanal

76

ENTREVISTA

Os voos da diplomata

A eurodeputada Ana Gomes recebeu o EXPRESSO no dia em que fazia 53 anos. Uma entrevista de vida, desde a infância passada em Ponta Delgada à militância no MRPP e à luta de Timor



Tema: Press Clippings			Âmbito: Nacional		Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes			Temática: Generalista		GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 76	Imagem: 3/10	Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

‘Todos os meus homens têm de ser heróis’

Ana Gomes

A diplomacia ensinou-a a não depender do lugar. O fogo cruzado em que se envolveu à conta dos voos da CIA poderá afastá-la de uma recandidatura ao Parlamento Europeu. Ana Gomes revisita as suas memórias, da infância nos Açores ao MRPP, onde conheceu Durão Barroso, e à direcção do PS, onde caiu de pára-quadras

ENTREVISTA DE *Ana Soromenho* E *Nuno Saraiva* FOTOGRAFIAS DE *António Pedro Ferreira*

Recebeu o EXPRESSO no dia em que fazia 53 anos, na sua casa no Cabo da Roca, refúgio de fins-de-semana depois dos dias agitados de Bruxelas. Entre vários cafés e com a presença tutelar do marido, o embaixador António Franco — que assistia ao Chelsea-Middlesbrough na televisão —, Ana Gomes abriu o seu álbum de vida. Retrato de uma diplomata pouco convencional.

Costuma dizer que foi uma infiltrada na diplomacia e que hoje é uma infiltrada na política. Com que idade é que

despertou para a política?

Por volta dos 13 anos, fruto do forte sentimento anti-regime que existia em casa. Lembro-me de ter acompanhado o meu pai na primeira campanha para as eleições da Assembleia Nacional, em 1969. Também me lembro do medo. Um dia, à mesa, comecei a barafustar contra Salazar. A minha mãe mandou-me sair. Hoje percebo que ficou aterrada, com a ideia que viesse dizer cá para fora e fosse penalizada. Uma das coisas que eu e a minha irmã fazíamos, como forma de resistência e com consentimento dos meus pais, era pedir dispensa das aulas de Religião e Moral.

O que faziam os seus pais?

O meu pai era oficial da Marinha Mercante. A minha mãe era doméstica. Os primeiros momentos da minha vida foram passados nos Açores. Fui para Ponta Delgada com um ano e fiquei até aos cinco. Os Açores marcaram-me muito. Sou «corisco mal amanhãdo» (**risos**). Quando penso numa paisagem repousante é daquela paisagem que me lembro.

O facto de o seu pai ser oficial da Marinha era sinónimo de disciplina?

Não. Era sinal de grande abertura ao mundo. Nessa altura as pessoas não

Tema: Press Clippings			[REDACTED]	Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal - Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO - ÚNICA	Pág. 77 Imagem: 4/10		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.



Tema: Press Clippings				Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 78 Imagem: 5/10		Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

viajavam. Durante as férias íamos com ele no navio passear. Na primeira grande viagem que fiz tinha 13 anos: de Lisboa a Angola. Isto deve-me ter dado o gosto que tenho pelas línguas e uma certa abertura de horizontes.

Estudou no Liceu Maria Amália, em Lisboa. Liderava?

Acho que sim. Sempre fui boa aluna. Era do tipo Xica esperta, marrava para os exames e safava-me bem. No primeiro ano fui logo eleita delegada de turma. Aliás, nesse ano chumbei porque decidi cabular. Não foi mau, deu-me alguma humildade. Ser boa aluna era importante porque me dava prestígio dentro da turma e estatuto para fazer outras coisas. No terceiro ano já estava envolvida no MAEESL (Movimento Associativo de Estudantes do Ensino Secundário de Lisboa).

E em casa, como era a educação?

O meu pai era liberal, mais permissivo. «As miúdas querem fumar? Fumem à vontade. Eu fumo e por isso não tenho lata para lhes dizer que não o façam.» O lado da minha mãe era, naturalmente, o repressivo, que impunha regras.

Deixavam-na namorar?

Não era muito namoradeira, interessavam-me mais a política e a leitura.

Quando é que despertou para os namorados?

Pelos 14, 15 anos. Uma pessoa importante nessa altura foi o Nuno Crato, que é vosso colaborador, e que era do MAEESL.

Por que se lembrou do Nuno Crato?

Porque foi o meu primeiro namorado. O namorado tinha muito a ver com a política.

Era uma espécie de herói?

Exactamente. Todos os meus homens têm de ser heróis. E o Nuno Crato era isso. Não só era intelectualmente muito

«**SALTA** da bancada um rapaz de discurso empolgante, digo ‘agarrarem esse puto, ponham-no na lista’. Era Durão Barroso»

interessante e acima da média, como politicamente muito empenhado. Esses dois aspectos para mim eram fundamentais.

Andou num colégio interno. Por que foi lá parar?

A minha mãe decidiu ir fazer uma viagem grande com o meu pai, e pôs-nos num colégio interno na Parede. Foi muito deprimente. Deixei de comer, tive uma anorexia. Depois, de repente, passei a comer desmesuradamente. Mas o colégio acabou por não ser assim tão mau. Como éramos boas alunas permitiam-nos estudar num liceu fora, o que nos possibilitava uma liberdade bastante grande. Era mais fácil enganar as velhas do colégio do que a minha mãe.

Era um colégio católico?

Era laico. Havia missa. Dissemos logo que não íamos.

Nunca teve fé?

A determinada altura sim. A minha mãe tinha horror a padres e portanto não nos pôs na catequese. E, uma vez mais por reacção, exigimos ir para a catequese. Lembro-me de chatear a minha mãe para me arranjar um fatinho para fazer a primeira comunhão. Ela não queria e lá fui sozinha. Fiz tudo muito convicta, depois cheguei ao fim e disse: isto é uma grande treta.

Por que chegou a essa conclusão?

Há um aspecto que foi marcante. Por essa altura, a minha mãe teve um bebé. Nasceu com uma deficiência. Sabíamos que tinha de sobreviver até aos quatro ou cinco anos para poder ser operado. Entretanto teve uma crise horrível e eu baptizei o meu irmão. Baptizei-o, ali! Fiz-lhe o sinal da cruz e rezei por ele. Quando morrei senti que os meus pedidos não foram

atendidos. Afinal Deus não era infinitamente bom.

Na adolescência, durante os anos 70, era uma jovem rebelde?

Estava habituada a tomar conta da minha vida e fazia o que queria. Antes de entrar na Faculdade de Direito, fui durante as férias trabalhar para a Alemanha. Tinha lá uns tios, e como estudava alemão pedi para ir. Tudo isto tinha sido combinado com um namorado que ia trabalhar para Basileia, na Suíça. A minha mãe desconfiou e, à última hora, fez uma cena macaca para eu não ir. Aí o meu pai interveio: «Vai e vai mesmo.» Lá fui e fui porreiro. Trabalhei como carteira nos correios de uma pequena cidade e depois o meu namorado foi ter comigo e viemos à boleia até Paris. Na véspera do regresso, estive a desfazer os forros dos nossos casacos para metermos os livros que eram proibidos em Portugal. Os Livros Vermelhos do Mao, etc. **(Risos)**

A relação com o namorado era liberal ou achava que ia casar virgem?

Achava lá eu que ia casar virgem! Hoje somos amigos, mas rapidamente o pus a mexer. Quando aderi ao MRPP, havia aquela coisa de ir às «manifs», e ele cortava-se. Para mim não era possível. Homem meu não se pode cortar a uma coisa destas. Coitado, era tão bonzinho, tão bonito. Hoje, penso que fui demasiado dura e exigente.

Não é assim em tudo?

Talvez. Tenho a convicção de que as pessoas para se darem bem comigo têm de ser ainda mais fortes do que eu.

Como é que entrou para o MRPP?

Quando cheguei à Faculdade de Direito, andei um mês «shopping around», a ver quem eram os gajos mais radicais para me juntar. O que me despertou interesse no MRPP foi o humor. Avisaram-me que era duro e passados dois meses fui

Tema: **Press Clippings**

Título: **Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes**

2007/02/24 **EXPRESSO – ÚNICA**

Pág.79

Imagem: 6/10

Âmbito: **Nacional**

Tiragem: **184532**

Temática: **Generalista**

GRP: **7.5**

Periodicidade: **Semanal**

Inv.: **n.a.**



recrutada para os comités de luta anticolonial. Fiz o meu baptismo de rua, à noite, a fazer «pichagens», na zona das Portas do Sol. Cada vez que lá passo ainda vejo a minha marca naquela parede. Foi uma prova de fogo. A partir daí estava apta para ir às «manifs».

É quando conhece Durão Barroso?

Sim. No dia de uma extraordinária Assembleia Geral em que o MRPP derruba o PC da Faculdade de Direito de Lisboa. A certa altura, estava trabalhar — entretanto tinha casado, tinha uma filha com meses e era eu quem sustentava a casa — e telefonam-me a pedir que fosse participar numa grande Assembleia Geral. De repente, salta da bancada um rapaz que faz um discurso empolgante e eu digo: «Agarrem-me esse puto e ponham-no na lista.» Era Durão Barroso.

Como era a sua relação com ele?

Ainda me cruzei durante os tempos do MRPP e depois só voltei a encontrá-lo já ele era secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Nunca tive nenhum problema de ordem pessoal com ele. Acho que é um homem inteligente. O problema dele é de espinha dorsal. E é evidente que há duas coisas que não lhe perdo: o Iraque, e ele, mais do que ninguém, tinha obrigação de não alinhar com os Estados Unidos. Ainda se fosse qualquer outra pessoa sem experiência na área da política externa, podia-se desculpar. Mas um tipo como o Barroso? Outra questão política de fundo é o comportamento dele em relação à Casa Pia. Estou profundamente convencida de que houve uma tremenda urdidura contra Ferro Rodrigues e contra o PS, na altura o maior partido da Oposição.

Que responsabilidades é que ele tem?

Portou-se miseravelmente. Não foi um democrata. Acredito que tudo isto foi feito para desacreditar a Justiça e para desviar as atenções dos verdadeiros

Tema: Press Clippings			Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes			Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 80	Imagem: 7/10	Periodicidade: Semanal
				Inv.: n.a.

«**O SISTEMA** laxista que encontrei presta-se a todo o tipo de criminalidade. E não só que passem presioneiros à revelia...»

responsáveis. Houve um objectivo claro de atacar politicamente aquela direcção do PS. Quando me refiro a Barroso, não estou a dizer, de maneira nenhuma, que esteve implicado nessa urdidura. Apenas não fez nada para a desmontar. Como chefe de um partido democrático devia ter percebido que o que estava em causa era um ataque antidemocrático a outro partido. Reparem que os políticos de quem se falava publicamente eram só gente do PS, ligados ao Ferro. Pessoas que estavam empenhadas em lutar contra a corrupção dentro dos partidos.

A que se refere, quando fala em urdidura?

(Pausa) A minha convicção é de que partiu de certos sectores da direita ligados a interesses diversos. E não posso excluir que esses interesses estivessem também no PS. Ferro e Pedroso foram transformados em alvos.

E porquê?

Talvez porque estivessem muito empenhados em limpar o esquema de financiamento dos partidos. Queriam torná-los muito menos vulneráveis à corrupção.

Entrou no PS em 2002, quando estava em Jacarta como embaixadora. Por que trocou a diplomacia pela política?

Estava a fazer quatro anos de Indonésia. Tinha sido um trabalho extraordinário, um enorme privilégio. Não era possível ter outro posto tão bom, sobretudo com aquele Governo. E já tinha decidido fazer um ano sabático. Na altura, o meu marido estava no Brasil, pensei ir com ele e escrever um livro sobre o processo de Timor. De repente telefonou-me o Ferro para irmos almoçar e convidou-me para a direcção do partido. Fui apanhada de surpresa, dois dias depois aceitei.

Foi uma escolha puramente emotiva?

Como o são, regra geral, as minhas escolhas. Já tinha marcado uma reunião com o Barroso para lhe pedir a licença sabática do MNE. Aproveitei para lhe dizer que ia entrar na política. Disse-me logo: «É pá, espe-

ro que venhas para o meu partido!» Respon-di: «Estás maluco, mas tenho alguma coisa a ver com o teu partido?» E a resposta dele é esta, e demonstra bem o que ele é: «Isto do partido é um instrumento como outro qual-quer para chegar ao poder. O que é que jul-gas? Penei imenso. Já imaginaste o que é ser líder da oposição? Uma chatice! Mas agora sou primeiro-ministro, estou bem na minha pele.» Devo acrescentar que ele compreendeu e foi impecável. Deu instruções ao Mar-tins da Cruz para facilitar tudo.

Era-lhe difícil imaginar um posto tão compensador depois de Jacarta.

Sentiu um vazio?

Um diplomata está preparado, mentalmen-te, para, de três em três anos mudar tudo: posto, cidade, país, língua...

Depois do processo relacionado com os voos da CIA, que a levou a tomar posições contra o Governo do seu partido, tem alguma expectativa de que a voltem a recandidatar ao Parlamento Europeu?

Não. Quando comecei a envolver-me nesta investigação, um amigo disse-me: «Mas tu não queres voltar a ser reeleita?» Respon-di: «Faço isto porque tenho de o fazer. Não comprometo a minha actuação num negó-cio de voltar a ser reeleita numa lista do par-tido. Se o custo for esse, 'tant pis'.» Já encai-xei que não vou ter outro mandato.

Regressa à diplomacia?

Ou não. Sei lá onde estou daqui a dois anos. Logo se vê. Tenho mais coisas para fazer, inclusive o tal livro sobre Timor. E, se neces-sário for, volto à carreira diplomática. O mais que me pode acontecer é ficar em casa a ganhar a porcaria do salário que lá tenho, que não chega a dois mil euros, e não me darem nada para fazer. Tudo é possível. A

única coisa que sei é que as coisas nunca me acontecem de forma planeada.

Se regressasse agora, para onde gostaria de ir?

Índia. É um país fascinante. Há tudo a fazer no domínio das relações económicas. Mas, verdadeiramente, o topo seria Washington ou Nova Iorque, se estivessemos no Conse-lho de Segurança. E para isso era necessário que tivéssemos em Lisboa um Governo com que me identificasse.

O actual Governo dar-lhe-ia essas garantias?

Depois deste episódio da CIA, é evidente que não me sentiria em sintonia nem capaz de servir sob o ministro Luís Amado. A par-tir do momento em que ele me acusa de abu-so de confiança, má fé e quase antipatriotis-mo, isso tem impacto. Essa genticinha que in-sinua que eu sou antipatriota é evidente que só merece o meu desprezo.

Durante este processo alguma vez falou com José Sócrates?

Falei.

A seu pedido?

A pedido dele. Mas nunca me pressionou. Senti apenas que estava por fora.

Alguém a tentou travar?

Muitas pessoas. E mesmo dentro da minha delegação. Só tentaram!

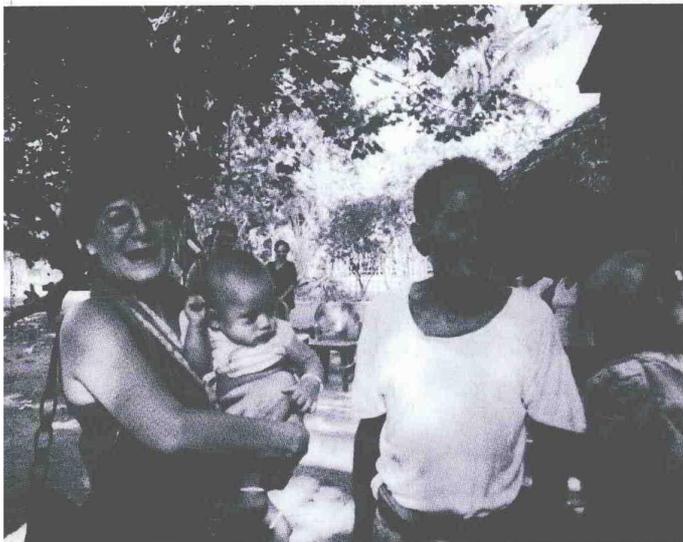
Foi pressionada a ficar quieta?

Sim. (Pausa) Sempre avisei a direcção do PS. Nas jornadas de Viseu disse-lhes: «Não desvalorizem isto da CIA!» Responderam: «Não vai dar nada. É uma perda de tempo.» Fiz intervenções na Comissão Nacional, ti-ve várias conversas privadas. Escrevi artigos no «Acção Socialista». Houve pessoas que me vieram dizer: «Olhe que isso põe mal o nosso país.» Respondia: «Não contem comi-go para meter o lixo debaixo do tapete.»

Por que se disponibilizou a integrar a

Tema: Press Clippings			Ámbito: Nacional	Tiragem: 184532	
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes					Temática: Generalista
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 81	Imagem: 8/10	Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

OS TEMPOS DA DIPLOMACIA Enquanto assessora diplomática do Presidente Eanes (na foto com um papagaio que trouxe da viagem a São Tomé e Príncipe), durante a visita de Margarida II da Dinamarca a Portugal, em 1984; durante o processo de independência, em Kraras, Timor Leste, 2002; em Tamegashima (1990), na comemoração da chegada dos portugueses ao Japão



Comissão que investigou os voos?

Toda a vida trabalhei em direitos humanos. Quando fui para o Parlamento Europeu fiz uma aposta deliberada em ir para a área de Segurança e Defesa. E essa escolha tem a ver, precisamente, com o facto de, depois de ter regressado da Indonésia, ter ficado abismada com o alheamento em que aqui se vivia em relação ao terrorismo.

E em que é que isso se relaciona com os voos da CIA?

Porque implica repensarmos todos os nossos conceitos de segurança e fazê-lo em articulação com todos os países da UE. E como isto já se passava no contexto da guerra do Iraque, acho que é necessário haver nestas áreas pessoas que tenham uma perspectiva dentro dos direitos humanos. E foi com essa questão integrada que sem-

pre tratei este assunto. As questões da legalidade, de defesa e cumprimento das regras do Estado de direito são absolutamente vitais. Quer para a nossa credibilidade de actuação no plano da política externa, quer para a eficácia do combate contra o terrorismo. O sistema laxista que encontrei presta-se a todo o tipo de criminalidade. E não é apenas para que possam passar prisioneiros à revelia, ou com conhecimento, do Governo português. Este laxismo também permite que passe droga, tráfico de armas, crianças e mulheres... Permite tudo.

O problema é o descontrolo?

Absolutamente. Este é o tipo de descontrolo favorável à criminalidade. Portugal é a porta de entrada em Schengen e é extraordinário que em voos civis, ou nos chamados táxis aéreos, não haja o mínimo controlo.

Há quem possa pensar que isto dos prisioneiros não é muito importante porque estava num quadro de cooperação com os nossos aliados. A questão não é essa. Se não há controlo para isto, também não há para o resto. E é a mesma coisa para os aviões militares que passam nas Lajes.

O que mais a desapontou neste processo?

(Silêncio) Preferia não ter sido eu a entregar o assunto ao procurador-geral da República. Gostava de ter encontrado uma atitude de maior cooperação no sentido da descoberta da verdade. O Governo espanhol, por exemplo, tomou a iniciativa de entregar à Procuradoria da Coroa a investigação deste caso. E devo dizer que, ao fazê-lo, pôs-se numa atitude muito positiva perante o Parlamento

Tema: Press Clippings				Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 82	Imagem: 9/10	Periodicidade: Semanal	Inv.: n.a.

«**TENHO CONSCIÊNCIA** de que vim para a direcção do PS de pára-quedas. Isto paga-se»



Europeu. Esta poderia ter sido a opção do Governo português.

Ficou magoada com os ataques pessoais que lhe fizeram?

Há certas pessoas que quanto mais me atacam mais me tranquilizam, no sentido em que estou a fazer o que é certo. Tenho consciência de que vim para a direcção do PS caída de pára-quedas. Isto paga-se. Quando entrei no Congresso com tudo a aplaudir, não tinha uma ponta de ilusão de que, no momento seguinte, qualquer flanco que desse seria aproveitado para me ferir ou denegrir. É normal dentro de uma organização partidária e para quem não tem percurso no aparelho. Mas nesta questão dos voos da CIA tive muito apoio

das bases do partido, gente que nem conheço, e também de muitos militantes distintos.

Quem?

(Pausa) Por exemplo, o doutor Mário Soares. Foi-me particularmente grato ter uma palavra de apoio dele.

Uma das acusações que lhe fizeram foi a de querer protagonismo.

Não ando à procura de protagonismo. Quem me conhece, a prazo, valoriza o facto de ser séria e verdadeira. Vim para a política para partir a loiça. É isso que tenho andado a fazer, e que vou continuar a fazer.

Por que é que acha que a sua personalidade incomoda tanta gente?

Não sei. Talvez por estarem habituados a responsáveis políticos que são apaziguadores. Não é de facto o meu género. Se calhar sou eu que estou deslocada.

Nunca se arrepende do que diz?

Muitas vezes sou excessiva, precisamente porque sou impulsiva. Reconheço. Já me arrependi de coisas que disse. Sobre tudo na forma como me expressei. Pode fazer com que perca a razão.

Mas custa-lhe ser moderada.

Custa, custa. **(Risos)** Devo dizer que na televisão tudo é demasiado empolado. Coisas que digo não causariam esse factor de irritação se não fossem muito sublinhadas e até dão muito jeito porque se prestam a todo o tipo de interpretações.

Tema: Press Clippings				Âmbito: Nacional	Tiragem: 184532
Título: Ana Gomes ataca e diz que o problema de Durão Barroso é de espinha dorsal – Entrevista a Ana Gomes				Temática: Generalista	GRP: 7.5
2007/02/24	EXPRESSO – ÚNICA	Pág. 84		Imagem: 10/10	Periodicidade: Semanal

Uma das suas tiradas mais impulsivas foi dirigida a Jorge Sampaio quando Durão Barroso deixou o Governo.

Afirmou publicamente que se envergonhava de lhe ter dado o seu apoio para a Presidência.

Não me arrependi nem uma vírgula de o ter dito. Claro que era um momento emocional e de grande desapontamento pessoal. Estavam em causa dois grandes amigos: Jorge Sampaio e Ferro Rodrigues.

O seu marido, embaixador António Franco, foi chefe da Casa Civil. Como é que se gere do ponto de vista familiar uma situação como esta?

(Suspiro) Uma coisa sou eu, outra é o meu marido... Sampaio era um amigo de casa... Sem dúvida que este episódio nos abalou.

O seu marido também é diplomata.

Quando é que se conheceram?

Entrei para o Ministério em 1980. Ouvei falar dele, mas nessa altura estava com o Melo Antunes no Tribunal Constitucional. Só o conheci em 1982, quando já estava em Belém, durante a Presidência de Ramalho Eanes, na Assessoria Diplomática. Ele era secretário do Conselho de Estado.

Como se gere uma relação entre dois diplomatas de carreira?

Não havia sequer Internet! Escrevíamos muito.

Cartas de amor?

Obviamente. Muitas cartas. Estou convencida de que escrever me serviu imenso para consolidar a relação. Também gastámos muito dinheiro a namorar ao telefone. Falávamos todos os dias.

Nunca ponderou recusar um lugar por causa do casamento?

Fizemos sempre uma escolha consciente sem abdicar das nossas carreiras. Foi uma opção de vida. As coisas foram acontecendo. Provavelmente tínhamos a perspectiva de poder vir a ficar perto um do outro. Nun-

«ESCREVER serviu-me imenso para consolidar a relação. Também gastámos muito dinheiro a namorar ao telefone»

ca se proporcionou. O único ponto assente para mim era que a minha filha iria sempre comigo. Isso era vital. Escolhi Genebra por causa da escolaridade da Joana. No final de Luanda, o António pediu Barcelona para ficarmos a «drive distance». Mas mandaram-me para Tóquio e tive de conviver com isso. Não foi fácil. **(Risos)**

Estiveram sempre em postos distantes?

Depois de Tóquio, fui para Londres e o António foi novamente para Luanda abrir o processo de paz. Depois vim para Lisboa e conseguimos ficar um ano juntos. Exactamente um ano. Foi quando nos casámos. Entretanto surgiu a oportunidade de ir para Nova Iorque. Toda a vida quis ir para lá, ainda por cima com Portugal no Conselho de Segurança. Nem pensei duas vezes. Foi uma oportunidade fantástica. Tive sempre muita sorte ao longo da minha vida.

Como vê o que se está a passar em Timor? Mantém admiração por Xanana Gusmão?

Acho que se portaram mal nesta crise. Mantenho admiração e amizade por Xanana. Como também mantenho uma grande admiração por Mari Alkatiri. Ambos têm extraordinárias qualidades e alguns defeitos. A minha amizade com Xanana é muito intensa. Vivemos momentos de grande sensibilidade e de grande dureza. Isso marca.

Mas tem consciência de que na comunidade portuguesa residente em Timor arrefeceu a admiração por Xanana?

Tenho consciência e disse-lhe que Portugal se zangou com Timor nesta crise. Não esperava que os timorenses não tivessem aprendido a lição de 75, que voltassem a dar o flanco com rivalidades. Sempre foi isso o que

fez com que potências exteriores se aproveitassem de Timor.

Como é, a sua relação com Ali Alatas?

Tornou-se um amigo. É verdade. Que o Alatas era um grande diplomata, já eu sabia antes de ir para a Indonésia. Claro que defendia o indefensável. A minha relação com ele, durante aquele ano de 1999, foi sempre muito correcta. Quando cheguei tinha sido confrontado com a decisão de fazer o referendo, coisa com que ele não concordava. Mas, a partir daí, começou a querer uma solução que limpasse a cara da Indonésia e entendi-me muito bem com ele. Tenho a certeza de que houve um momento em que os militares estiveram prontos para me expulsar e sei que fui salva por Alatas.

Tem medo de alguma coisa?

De não ter tempo para fazer o que tenho para fazer. Tenho pena de que os dias não tenham o dobro das horas. Tenho medo de que possa acontecer alguma coisa às pessoas que me estão próximas.

A morte preocupa-a?

Não. Nem perco tempo a pensar. Pode ser hoje ou daqui a 20 anos. O que me interessa é poder ocupar bem o tempo até lá. Tenho mais angústias de ter uma velhice sem qualidade de vida. Isso não aceito.

E o dinheiro, interessa-lhe?

Se me movesse por dinheiro não tinha escolhido esta profissão. Se tiver dinheiro, faço determinadas coisas. Geralmente as minhas extravagâncias são viagens, livros e discos. Mas também me viro, se não tiver. Se só houver café com leite e pão, sobrevivo sem problema nenhum. Adaptar-me-ei sempre. Isto é uma enorme vantagem, até na política. Não tenho interesses. Movo-me porque acredito nalgumas causas. O meu marido diz que me interessa por causas, não por coisas.